

Os Sábios e o Presidente

The Wisemen and the President

Nas últimas décadas a Humanidade tem assistido com espanto, e também com alguma preocupação, à descoberta dos mecanismos íntimos da hereditariedade.

A genética — fundada no século XIX por Mendel e o seu paciente trabalho com ervilhas lisas e rugosas, continuada com os estudos de De Vries e de Morgan e enriquecida por Darwin e a sua visão temerária de uma natureza violenta e competitiva — iria desvendar, na segunda metade do século XX, os segredos da biologia molecular que servem de substracto à transmissão de todos os caracteres, desde a cor dos olhos aos comportamentos.

Watson e Cricks revelaram, em 1953, a arquitectura da dupla hélice do ADN, cuja composição química, surpreendentemente simples para função tão complexa, era já conhecida há algum tempo: quatro bases aminadas, um açúcar e ácido fosfórico; poucos anos depois, Jacob, Lwoff e Monod tornavam claros os mecanismos celulares responsáveis pela expressão fenotípica dos caracteres.

Foi a aplicação e o desenvolvimento destes conhecimentos que iriam concretizar-se recentemente em duas realizações espectaculares. Primeiro foi a clonagem da ovelha Dolly e agora a descodificação do genoma humano. Como noutras ocasiões o Homem sentiu-se lançado num voo semelhante ao de Ícaro e assustou-se.

De facto não é fácil antever as consequências éticas destas descobertas. Mas do que parece não haver dúvidas é quanto aos interesses financeiros envolvidos, face às guerrilhas entre as instituições empenhadas no projecto genoma e à atenção que a classe política tem dedicado ao assunto. O próprio Bill Clinton fez questão de vir pessoalmente anunciar, “urbi et orbi”, a concretização desta conquista científica e, ao fazê-lo, disse esta frase extraordinária: “Estamos agora a decifrar o alfabeto com que Deus escreveu a vida”. Ele, que de parvo não tem nada, que pretendeu com isto?

Por um lado não quis perder a oportunidade de ligar o seu nome a uma das mais espectaculares realizações tecnológicas no campo da biologia. Mas, por outro lado, sendo Presidente de um país onde 47% dos cidadãos não pode sequer ouvir falar em *darwinismo* e onde alguns professores se recusam a ensinar as teorias evolucionistas, procurou tranquilizar uma enorme fatia do eleitorado que ainda acredita que o Homem foi criado por Deus na sexta-feira do calendário do Génesis.

O que esta declaração tem de curioso é que, obedecendo a objectivos “politicamente correctos”, apresenta claras semelhanças com as que foram produzidas, séculos atrás e por razões bem diferentes, por dois dos fundadores da ciência moderna: Galileu e Newton. Ambos eram profundamente religiosos e acreditavam que, com a matemática, estavam a desvendar o alfabeto com que Deus tinha

criado o universo.

Galileu comparou a natureza a um livro aberto cujos caracteres são os círculos, os triângulos e outras figuras geométricas.

Newton, por seu lado, considerou que a natureza era feita de relações simples, necessárias e causais, reductíveis a fórmulas matemáticas e entendia que o universo só poderia ser obra de um Ser inteligente e poderoso, Senhor de todas as coisas. Mal sabia ele que, ao exaltar a matemática, estava a abrir as portas às querelas entre ciência e religião que iriam atravessar os grandes debates filosóficos dos últimos três séculos e influenciar fortemente a cultura ocidental.

Chegado à “idade da razão”, parecia que o Homem estava preparado para se libertar dos expedientes religiosos que tinham servido de compensação à sua ignorância e se encontrava finalmente em condições de desvendar e dominar a natureza sem a ajuda dos deuses.

Contudo, o século XX iria trazer algumas surpresas. A indeterminação da física quântica e as polémicas que gerou levaram Einstein a afirmar que “Deus não joga aos dados” ao mesmo tempo que confessava querer descobrir “se Deus teve qualquer escolha ao criar o mundo”. Desta forma ele retomava a linguagem mística que tinha sido utilizada séculos atrás, ao mesmo tempo que, com a sua teoria da relatividade, punha em causa a física newtoniana.

Desde então, o debate à volta da natureza do conhecimento científico, estava lançado e, tal como afirma Gerard Holton, a ciência iria sofrer o cerco de “uma ampla congregação constituída por um ramo da filosofia da ciência contemporânea, ... uma parte dos *media*, um pequeno mas crescente número de funcionários governamentais e de políticos ambiciosos e um extracto muito palavroso de críticos literários e de comentadores políticos, associado à vanguarda do movimento pós-moderno.”

Como era de prever, a Medicina não escapou a estes ataques e por todo o lado têm surgido críticas e contestações, ao mesmo tempo que se assiste à emergência das chamadas medicinas paralelas e de outras formas a-científicas de abordagem da saúde e da doença. Os médicos não podem, por isso, alhear-se dum debate cuja importância é indiscutível mas que, ao mesmo tempo, tem servido de guarida a toda a espécie de oportunismos e a variadas manifestações de uma confrangedora ignorância. Devem fazê-lo em nome dos princípios a que aderiram e com a mesma seriedade e convicção com que os sábios dos séculos XVI e XVII julgavam estar a descobrir o alfabeto de Deus. Já que, em relação às declarações do Presidente Clinton, só dá vontade de perguntar: será que ele acredita sinceramente naquilo que disse?



Barros Veloso